

» » » “As gerações que hoje têm entre 60 e 75 anos desfrutam de condições de vida muito melhores: os sistemas de pensões e de saúde, o acesso à educação, à tecnologia de informação e de comunicação e a melhoria da infraestrutura urbana e rural permitem que os cidadãos, quando envelhecem, possam empreender novos projetos de vida, cuidar-se, desfrutar dos bens sociais e culturais e aprender coisas novas”, analisa Mayte Sancho, diretora científica da Fundación Matía, uma instituição espanhola sem fins lucrativos dedicada a cuidar de idosos e a produzir conhecimento a fim de melhorar sua qualidade de vida.

Ela lembra, no entanto, que, normalmente, o momento em que as famílias passam a pressionar o idoso para que ele saia da própria casa e passe a morar com um parente, um cuidador ou em uma instituição é justamente aquele em que julgam que o idoso já não consegue mais cuidar de si — esteja esse julgamento certo ou não. “Atualmente, o número de idosos morando sozinhos aumenta sem parar. O que é, a princípio, um indicador de competência para esse grupo da população cada vez mais longo, mas também autônomo, capaz e independente”, observa a cientista. “Mas, quando a solidão se une à dependência, tudo muda. Aparece a fragilidade e, claro, as famílias passam a buscar soluções mais seguras e confortáveis para seus velhos”, diz.

A convivência com os filhos hoje, no entanto, não é mais como em tempos passados. As mulheres, cuidadoras natas, estão inseridas no mercado de trabalho e já não têm mais tanta disponibilidade para dar a atenção necessária ao familiar. Além disso, lembra Mayte, as casas são menores e, muitas vezes, hostis a uma pessoa que precisa de cuidados. “E o mais importante: o idoso perde suas referências e seu espaço de poder e decisão, que é a sua casa. Por isso, pelo menos na Espanha, cada vez menos pessoas aceitam ir morar com os filhos quando perdem sua independência”, conclui a especialista.

Ter o poder de decidir o que fazer quando esses tempos chegarem, no entanto, está mesmo nas mãos dos jovens. Planejar uma velhice saudável e segura enquanto ainda é tempo, dizem médicos e estudiosos, ainda é a melhor forma de não se ver obrigado a aceitar decisões tomadas pelos outros no futuro. » » »

**CORREIO  
BRAZILIENSE**

Brasília, domingo,  
5 de janeiro de 2014

**20 e 21**

Zuleika de Souza/CB/D.A. Press



## Sozinha, mas não solitária

Não há ninguém com quem dona Neuza Lamego divida o apartamento de dois quartos onde mora no Sudoeste se não com ela mesma. Não que uma companhia ande fazendo falta. No raro tempo em que passa em casa, é a empregada, com quem a aposentada conta há 14 anos, e as dezenas de palhacinhos coloridos feitos de sucata que moram no quarto de visitas — dona Neuza confecciona os brinquedos e distribui com crianças carentes — que lhe fazem companhia. Pode parecer solitário, mas não é. Morar sozinha foi opção de dona Neuza depois que o marido morreu, há 10 anos.

“Meu filho tem uma empresa e quatro filhos para cuidar. Você acha que eu vou pedir alguma coisa a ele?”, afirma, categórica. A família, no entanto, vive por perto. Os retratos dos dois filhos, oito netos e da primeira bisnetinha, de 1 ano, que dona Neuza exhibe com orgulho, ocupam álbuns de fotografia e porta-retratos por toda a casa.

O apartamento em que mora hoje, na verdade, pertencia ao filho mais velho. Com a morte do pai, a família decidiu que seria mais confortável para Neuza se ela trocasse a antiga morada, maior